

Um convite à leitura: Estudos de Gênero e Sexualidades em Educação Matemática - tensionamentos e possibilidades

A reading invitation: Gender and Sexuality Studies in Mathematics Education -tensions and possibilities

Luzia de Fatima Barbosa Fernandes¹

Fundada no final do século XX, a *Sociedade Brasileira de Educação Matemática*, a SBEM, é formada por profissionais e estudantes comprometidos com o desenvolvimento da área da Educação Matemática. Dentre as diversas ações desenvolvidas pela SBEM, temos a publicação de *e-books* que versam sobre temáticas dessa grande área de estudos acadêmicos e pesquisas. Essas publicações objetivam divulgar investigações desenvolvidas na área que possam contribuir não só para o avanço das pesquisas, mas também fortalecer a discussão de temas contemporâneos e emergentes para a escola e a sociedade como um todo.

Este texto é um convite à leitura de um desses *e-books*! Vamos lá?

Com o título *Estudos de Gênero e Sexualidades em Educação Matemática: tensionamentos e possibilidades*, organizado por Agnaldo da Conceição Esquincalha e lançado em 2022, esse livro eletrônico faz parte da Coleção SBEM e focaliza uma das inúmeras vertentes da Educação Matemática que passaram, ao longo do tempo, a compor temáticas necessárias para a formação humana e matemática de docentes, pesquisadoras/pesquisadores/pesquisadores e estudantes. Para apresentar esse *e-book* usarei uma linguagem que busque respeitar os posicionamentos indicados nas escritas dos textos, compreendendo as diferenças apresentadas em cada capítulo. Utilizarei, neste momento, siglas terminadas em as/les/ies/os, buscando assim venerar todas as formas de expressão presentes nos textos e as diferentes siglas empregadas ao longo dos capítulos. Neste *e-book*, a/le/o leitora/leitorie/leitor terá acesso a diversas questões envolvendo o debate, que abrangem aspectos sociopolíticos da Educação Matemática, questões de gênero, sexualidade e formação docente. Usarei na ordem a/le/o buscando desconstruir o que o mundo social, do qual faço parte, inculcou em mim até “ontem”; acredito que usar o feminino em primeiro lugar, depois o neutro e, por fim, o masculino pode ser uma resposta a sempre ser lembrada como “professor”, “orientador” e ser cumprimentada como “todos”, mesmo me identificando como mulher em todos os espaços. Para a apresentação de cada capítulo, usarei ora autora ou autor, de acordo com as identidades

¹ Doutora em Educação; Universidade Federal do Triângulo Mineiro/UFTM, Uberaba, Minas Gerais, Brasil. luziafbfernandes@gmail.com – Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7931-4886>

descritas na seção *Les autories* no final do *e-book*.

Se formos nos perguntar, afinal, quais assuntos são importantes para o desenvolvimento da Educação Matemática, arrisco a dizer que são todos aqueles assuntos que tocam os seres humanos, assuntos que estão enraizados no meio social e cultural de todas/todes/todos nós. Esse *e-book* incide sobre temáticas que tocam as pessoas que vivem e sentem na pele a força desses debates. Envolver-se nesses debates é preciso! Todavia, que sentido tem na Educação Matemática? E justamente a Matemática, que sempre se apresentou como neutra – uma disciplina que deixou evidente a sua cor, o seu gênero e o seu espaço, invisibilizando mulheres, população LGBTI+, raças e culturas – está enfrentando mais esse desafio: falar de feminino, de sexualidade e de outras formas de ver e de se ver no mundo e, portanto, construindo outras formas de ver e de entender a própria Matemática.

Esse *e-book* vem preencher um espaço de discussão necessária na Educação Matemática, desconstruindo olhares e saberes dominantes sobre o fazer Matemática e sobre quem tem a legitimidade para tal. Desse modo, os estudos articulados nos capítulos deste *e-book* abrem portas para repensarmos o lugar dessas discussões nas ciências exatas e indicar um caminho onde todas/todes/todos possam ser livres para ocupar esses espaços.

No primeiro capítulo, *Por que algumas pessoas se incomodam com a pesquisa sobre gêneros e sexualidades em educação matemática?*, Luísa Cardoso Mendes, Washington Santos dos Reis e Agnaldo da Conceição Esquincalha, analisando postagens que atacaram as pesquisas empreendidas pelo Grupo MatematiQueer, tratam da virada sociopolítica na Educação Matemática, dialogando com tendências de pesquisas que já tentam romper com a ideia de neutralidade na Matemática. Ela/eles destacam pesquisas sobre gênero e também sobre sexualidades e identidade de gênero com temas atuais na área de pesquisa, as quais demarcam um espaço até então não ocupado para a discussão dessas temáticas. E, segundo a/os autora/autores, tais pesquisas são importantes para que a diferença seja valorizada, respeitada e, portanto, reconhecida.

O capítulo dois está intitulado *Matemática e resistência: reflexões sobre as lutas do movimento LGBT+*. Nele, Denner Dias Barros traz reflexões produzidas em uma casa de acolhimento de pessoas da comunidade LGBT+ que tinha como objetivo oferecer moradia e ser um espaço de encontro. Nas discussões apresentadas, ademais de abordar a Matemática presente nesse espaço formativo, o autor ressalta a importância de respeitar as diferenças e de como a Matemática pode contribuir para apoiar discussões que abrangem a comunidade LGBT+.

No capítulo três, a/le/o leitora/leitorie/leitor encontrará o texto intitulado *Por uma virada sociopolítica: a importância da discussão sobre gêneros e sexualidades nas aulas e na pesquisa em (educação) matemática*, cujo conteúdo versa sobre a virada sociopolítica e as implicações nas pesquisas em (Educação) Matemática. Washington Santos dos Reis e Agnaldo da Conceição Esquincalha assinalam de forma bem clara a importância da temática para a desnaturalização da neutralidade na área e para romper com a invisibilidade de grupos subalternizados e com a violência simbólica imposta de forma invisível em diferentes espaços, dentre eles o da escola e o das aulas de Matemática. Nesse sentido, apesar de reconhecerem ter sido introduzidas novas pautas de pesquisa, estudos de gênero e sexualidades ainda são poucos, ainda que atualmente encontrem espaços para a sua produção. Os autores apresentam os marcos legais no Brasil que apontam para esse trabalho.

No capítulo quatro, com o nome de *Entre-vista sobre gênero, sexualidade e educação matemática*, Carla Araujo de Souza, Harryson Júnio Lessa Gonçalves e Deise Aparecida Peralta acompanham as trajetórias de docentes, nos fazendo viajar pelo próprio imaginário e reconhecer, em nós mesmos, por meio das vozes de uma mulher e um homem gay, fatos que, por vezes, também vivenciamos na escola e que reforçam uma visão dominante do ser menina ou menino. Nas trajetórias, podem-se observar momentos de exclusão e violência simbólica vividos na escola, mas que tornaram essa/esse docente seguros para se definirem da forma como se identificam, além de permitirem formar seus estudantes para se reconhecerem e lutarem pela construção de seus espaços legítimos, a ponto de que legítimos sejam todas as formas de ver e de ser ver no mundo.

Já no capítulo cinco, temos o título *O que revelam as pesquisas sobre mulheres e sua relação com o aprender e o ensinar matemática?* Neste capítulo, Jéssica Maria Oliveira de Luna tratou a respeito da Feminização do Magistério, assunto que precisa ser debatido em toda a sua complexidade. Desconstruir essa imagem da mulher-mãe-professora não é tarefa fácil. A escola, as famílias, os estudantes enxergam na “tia” um ser muito além da simples professora. Essa representação marca também a desvalorização da profissão e o lugar legítimo de professores, quando homens, em anos mais avançados na Educação Básica. É preciso desconstruir estereótipos de gêneros.

No capítulo seis, *O que as matemáticas têm a ver com as questões de gênero?*, indagando os estudantes sobre o tema, Vanessa Franco Neto, Luiza Batista Borges e Thays Alves de Oliveira tratam de questões de gênero e de como o mundo social constrói corpos que se identificam de uma forma ou de outra. Com uso da ideia de travessia, as autoras apresentam

as análises dos enunciados de jovens estudantes da Educação Básica sobre a temática, debates importantes para a desconstrução de estereótipos ligados ao gênero. Nesse texto destaca-se a importância de proporcionar espaços onde os jovens possam compartilhar vivências que, por vezes, ditam como os corpos devem se apresentar no mundo social.

No capítulo sete, *Olhares que se projetam no aprendizado de matemática: masculinidades e feminilidades que emergem em discursos discentes*, Anna Lydia Azevedo Durval, Bruna Dayana Lemos Pinto Ramos e Jéssica Maria Oliveira de Luna discorrem sobre as questões de gênero envolvendo também estudantes da Educação Básica. A pesquisa se preocupou em saber dos estudantes do final do Ensino Fundamental como eram as relações entre meninas e meninos e a aprendizagem da Matemática. As autoras analisam como as respostas dos estudantes, vistos como enunciados performativos, perenizam o binarismo do gênero.

No capítulo oito, *Um olhar queer para a educação matemática*, Hugo dos Reis Detoni, Hygor Batista Guse e Tadeu Silveira Waise apresentam um debate sobre a Teoria Queer e como ela pode nos fazer repensar e redefinir o currículo e a pedagogia nos espaços escolares. O movimento de desconstruir e desconfiar do que é natural pode ser uma forma de romper com a discriminação e violências presentes no mundo social. Assim, questionar o currículo é uma forma de desnaturalizar uma série de normas e padrões classificados como normais no espaço escolar – um desafio é a busca pela promoção desse estranhamento na Matemática.

No capítulo nove, *Corpo-território-gay na docência em matemática: atravessamentos entre identidade sexual e vida-formação-profissão*, Janivaldo Pacheco Cordeiro, Edmar Reis Thiengo e Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios apresentam as narrativas de professores gays de Matemática e os modos como cada um chegou ao curso de Licenciatura em Matemática, evidenciando ora uma opção que representasse o masculino, ora por representar uma possibilidade de retorno financeiro, por vezes motivados pelas poucas possibilidades oferecidas em cidades de pequeno porte e com poucas oportunidades de estudos em nível superior.

E, por fim, no capítulo dez, *Cyberformação com professorias de matemática: a compreensão da héxis política à pedagogia queer*, Maurício Rosa aborda análises de falas de docentes participantes de uma disciplina da pós-graduação. Utilizou leituras de textos e da análise de produtos cinematográficos, desenvolvendo um trabalho com Tecnologias e, nesse sentido, como o autor indica, uma Cyberformação com professorias de Matemática. Além das análises, grandes reflexões teóricas sobre a Pedagogia Queer são apresentadas no texto. Uma

oportunidade de abordagem da Educação Matemática e de questionamento sobre a sua responsabilidade social e formação de uma *héxis* política.

Portanto, leitora/leitorie/leitor, a Matemática que esconde corpos subalternizados; a Matemática que é, sim, em alguns espaços, reconhecida como masculina; a Matemática que deve ser problematizada a partir dos seus produtores historicamente legítimos e, por fim, a Matemática que impõe uma forma de ser e de estar no mundo – essa Matemática precisa se tornar a matemática que dê ensejo à discussão sobre gênero e sexualidade!

Resistir, estranhar e seguir! Avante professoras/professories/professores!

Até mais e boa leitura a/le/a todas/todes/todos!

Para ter acesso ao *e-book* gratuitamente pela página da SBEM é preciso ser sócia/sócie/sócio da Sociedade. Aproveite essa oportunidade e venha fazer parte do time da SBEM! A Educação Matemática agradece!

Referências

ESQUINCALHA, A. C. (org.). **Estudos de Gênero e Sexualidades em Educação Matemática: tensionamentos e possibilidades**. Livro Eletrônico. Brasília, DF: SBEM Nacional, 2022.